

SILENCIAMENTOS, SANGUE E CORAGEM: A HISTORIOGRAFIA DA LITERATURA BRASILEIRA DE EXPRESSÃO LGBTQI+ E A ANÁLISE FOUCAULTIANA DA SEXUALIDADE

GIOVANI FERNANDES GOMES DA CONCEIÇÃO*

VALDILENE ZANETTE NUNES**

RESUMO

Este artigo apresenta a proposta de esclarecer literária e filosoficamente a origem, marginalização, violência e progressivo enfrentamento dos silenciamentos e censuras que foram impostos ao público LGBTQI+. A fim de atingir o objetivo que foi exposto, pretende-se desvelar os jogos de saber e poder relacionados à temática da sexualidade, identificando as raízes histórico-sociais demarcadoras da exclusão incipiente ao público de orientações afetivas não consonantes ao sistema moral dominante. O propósito de compreendermos a exclusão praticada ao público LGBTQI+ far-se-á presente na apreensão dos processos de repressão da sexualidade e consequente produção da verdade. Os processos listados são fundamentais para perceber os mecanismos da nova discursividade e como esses mecanismos foram combatidos e transformados no que compreendemos hodiernamente como orientações afetivas. As informações dos processos históricos e suas transformações serão acompanhadas por um passeio literário pelas múltiplas configurações afetivas expressas na Literatura Brasileira Contemporânea de expressão LGBTQI+. Para atingir todos esses propósitos, vale-se de uma investigação de caráter literário e filosófico em obras de autores consagrados como Eni Puccinelli Orlandi (2012) e Michel Foucault (1988). Encerra-se o artigo apontando maiores diretrizes para o aprofundamento de estudos sobre a sexualidade e seus arranjos dentro do universo verídico e ficcional propiciado pelas mais variadas experiências literárias.

PALAVRAS-CHAVE

Literatura Brasileira de expressão LGBTQI+. Poder homoerótico. Nova discursividade. Orientações afetivas.

* Licenciado em Filosofia e em Letras - Português/Inglês e Filosofia pela Universidade Católica de Santos.

** Mestre em Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professora dos cursos de Licenciatura em Letras, Tradução, Pedagogia e Relações Internacionais da Universidade Católica de Santos. Coordenadora Geral de Especialização, Aperfeiçoamento e Extensão do Centro de Ciências da Educação e Comunicação da Universidade Católica de Santos.

INTRODUÇÃO

A homossexualidade e a bissexualidade são práticas emocionais e físicas que permeiam os corpos humanos desde a Antiguidade Clássica. Esse raciocínio reflete as estruturas de pensamento do filósofo francês Michel Foucault e estão especificamente demarcadas em sua coleção de três livros intitulada como *História da Sexualidade*, cuja proposta é aprofundar os conhecimentos acerca da erótica humana sem realizar julgamentos morais a respeito dos atos carnavais praticados pelos indivíduos sócio-históricos.

A construção do raciocínio apresentado dar-se-á, primeiramente, com a contextualização de um passeio delicado e cheio de nuances pelo Romantismo, Realismo e Modernismo brasileiros, a fim de identificarmos como escritores brasileiros trabalharam com o poder homoerótico e seus desdobramentos, bem como retrataram lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transgêneros, *queers* e intersexuais (LGBTQIs+). O leitor perceberá durante a apreciação do item I como as retratações aos LGBTQIs+ foram transmutadas ao longo de cada período literário e histórico e que os conceitos pertencentes à sexualidade são sempre fruto de criações humanas reflexos da sociedade e cultura dominante. A fundamentação teórica que norteará o passeio literário pelo Romantismo, Realismo e Modernismo brasileiros é a obra *História Bizarra da Literatura Brasileira*, do jornalista Marcel Verrumo.

O passeio literário de expressão LGBTQI+ ficará mais esclarecedor no momento em que for explicado o engendramento das orientações afetivas, porque, como mencionado, a sexualidade é consequência de criações humanas e da cultura dominante, a qual se transforma em múltiplos rótulos qualitativos do desejo humano. O caminho a ser percorrido para atingir essa compreensão estará detalhado na sequência desta produção acadêmica. O item II será iniciado por uma trajetória histórica permeada de fatores políticos, os quais trouxeram como consequência a repressão do sexo e da sexualidade. Apreender o auge da repressão do sexo e da sexualidade é conseguir diagnosticar as produções discursivas criadas e com isso perceber as associações entre os discursos e as afirmações das práticas repressoras aplicadas aos desejos sexuais. A sociedade do século XIX, ao legitimar as repressões sexuais, acarretou diversos efeitos sobre aqueles que possuíam a denominada sexualidade ilegítima. A respeito desses efeitos e fundamentando as conjecturas expostas até esse momento, utilizou-se o filósofo francês Michel Foucault e sua obra intitulada como *História da Sexualidade I*, a fim de demonstrar como os efeitos da repressão sexual foram convertidos em uma nova discursividade; discursividade essa carregada de rótulos qualitativos para a sexualidade ilegítima. Com base nessas informações, o artigo *Silenciamentos, Sangue e Coragem: a historiografia da literatura brasileira de expressão LGBTQI+ e a análise foucaultiana da sexualidade* tem como objetivo esclarecer para os leitores, da maneira mais simplificada possível, as origens do preconceito, a marginalização, violência e progressivo enfrentamento dos silenciamentos e censuras que foram impostos ao público LGBTQI+.

1 A COMPREENSÃO DAS ORIENTAÇÕES AFETIVAS NA LITERATURA DE EXPRESSÃO LGBTQI+ NA SOCIEDADE BRASILEIRA

A Literatura de expressão LGBTQI+ tem movimentos e intensidades diferentes na sociedade brasileira. A compreensão disso é crucial para verificar como o poder homoerótico esfacela os julgamentos equivocados que boa parte dos cidadãos brasileiros desfere para os homens e mulheres com orientação afetiva enquadrada como lésbica, *gay*, bissexual, transexual/transgênero, *queer*, intersexual e outras múltiplas nominalizações.

Antes de compreendermos a força do poder homoerótico no esfacelamento dos axiomas despretensiosos da população, é necessário pensar o despontar grandiloquente do amor dentro dos movimentos literários de nossa pátria. Esse despontar empolgado e comunicativo nasce durante o Romantismo, coincidindo com a necessidade de os escritores brasileiros expressarem-se de forma autêntica e própria. A respeito desse pensamento e dos consequentes efeitos sociais provocados pelo Romantismo, o jornalista, editor de conteúdo e pesquisador acadêmico, Marcel Verrumo, posiciona-se da seguinte maneira:

Durante o romantismo brasileiro, o leitor que comprasse um livro em uma banca ou se entregasse aos prazeres de acompanhar um folhetim frequentemente se deparava com a história de um casal apaixonado, no qual o homem, diante da beleza da jovem, começava a ter desejos e sensações até então desconhecidos, e ambos viveriam um relacionamento cheio de obstáculos para se concretizar. (VERRUMO, 2017, p.185-6)

O Romantismo Brasileiro é inaugurado no ano de 1836 com a publicação do livro *Suspiros poéticos e saudades* do escritor carioca Domingos José Gonçalves de Magalhães e inaugura no panorama literário a busca pela constituição de uma identidade nacional, valorizando a importância da fauna e da flora brasileira para a constituição do ser que primeiro habitou essas terras, isto é, o indígena. O ápice intelectual da raiz da subjetividade brasileira culmina nos poemas e romances da segunda geração do movimento romântico. A segunda geração romântica intensifica as características explicitadas por Marcel Verrumo e inaugura uma nova forma de veiculação dos escritos literários. Essa nova forma de divulgação das ideias românticas dá-se nos folhetins.

Os folhetins destinavam-se à burguesia da época e, na metade do século XIX, o Brasil contava com uma população de oito milhões de habitantes, dos quais dois milhões e meio eram escravos e apenas vinte por cento eram alfabetizados e letrados. Essa realidade é importante para compreendermos que o casal apaixonado que encontrava dificuldades para viver o amor que almejavam atraía o público leitor, uma vez que aconteciam identificações com as personagens e suas tramas existenciais. Além das identificações, é importante ressaltar que esse modelo de relacionamento, na metade do século XIX, era o único considerado legítimo, logo, aquele que pode ser escrito, pensado e sentido. Como as manifestações literárias são reflexos da coletividade social, as universalidades amorosas produziam a criação de tramas idealizadas sobre o envolvimento de homens e mulheres. As tramas idealizadas dentro da Literatura Brasileira eram construídas com a finalidade de distrair a elite leitora, fazendo-a não perceber todas as construções ideológicas calcadas até aquele momento. A culminância dessas informações demonstra que, na metade do século XIX, o leitor burguês brasileiro era moldado a possuir apenas uma forma de pensamento e converter esse modelo legítimo de pensamento em um não sentimento dos problemas e crueldades alojados em sua frente e ao seu lado.

A lógica de produção romântica que atendia à burguesia da primeira metade do século XIX não conseguiu se sustentar a partir da segunda metade desse mesmo período histórico e já por volta de 1869 as produções literárias de poetas e prosadores como Franklin Távora, Visconde de Taunay, Castro Alves e Manuel Antônio de Almeida anunciavam o fim do Romantismo. Na célebre Escola de Recife, Tobias Barreto e Silvio Romero passaram a criar o mais importante movimento realista brasileiro.

A criação desse movimento realista brasileiro por Silvio Romero e Tobias Barreto trouxe à tona princípios e teorias europeias ligadas ao Positivismo, ao Evolucionismo e ao Cientificismo, denunciando a completa dissolução da poesia romântica. A ambientação de todo esse cenário torna-se necessária para compreender o presente conjunto de características realistas apresentadas por Marcel Verrumo neste excerto:

No realismo, sobretudo em sua vertente naturalista, que concebia o homem como um produto do meio e amplificava suas características animais, esse contexto mudou: o amor (e os apaixonados) começou a ganhar novas características. (VERRUMO, 2017, p.186)

As novas características mencionadas pelo jornalista paulista reverberaram no escritor cearense Adolfo Caminha e no ano de 1895 ele escreve o romance *Bom-Crioulo* e o divulga nas livrarias cariocas do fim do século XIX. A história escrita por Caminha narra o amor carnal e sensual do marinheiro negro Amaro – conhecido como *Bom-Crioulo* – e do jovem afeminado Aleixo. A fim de melhor elucidar a relação dessas personagens, foi selecionado o excerto que se segue:

Esse movimento indefinível que acomete ao mesmo tempo duas naturezas de sexos contrários, determinando o desejo fisiológico da posse mútua, essa atração animal que faz o homem escravo da mulher e que em todas as espécies impulsiona o macho para a fêmea, sentiu-a Bom-Crioulo irresistivelmente ao cruzar a vista pela primeira vez com o grumetezinho. Nunca experimentara semelhante cousa, nunca homem algum ou mulher produzira-lhe tão esquisita impressão, desde que se conhecia! Entretanto, o certo é que o pequeno, uma criança de quinze anos, abalara toda a sua alma, dominando-a, escravizando-a logo, naquele mesmo instante, como a força magnética de um imã. (CAMINHA, 2013, p.32-3)

O trecho especificamente apontado, bem como o romance de Caminha, chocou os leitores do final do século XIX, dado que os seus protagonistas não eram um casal heterossexual, mas sim dois homens. Marcel Verrumo analisa o enredo dessa narrativa e apresenta o primeiro desdobramento do poder homoerótico no trecho a seguir:

Amaro era um marinheiro negro, apelidado de Bom-Crioulo, e se apaixonou por Aleixo, um jovem afeminado que acabara de entrar na Marinha. O relacionamento dos dois tem de enfrentar uma série de julgamentos morais da sociedade e, por a obra ser tipicamente naturalista termina com a condenação do casal à infelicidade, deixando ao leitor a tese de que uma relação homossexual só poderia resultar em tragédia. (VERRUMO, 2017, p.186-7)

O primeiro desdobramento do poder homoerótico consiste em inserir no panorama dos romances do século XIX a temática da relação entre pessoas do mesmo sexo, demonstrando os diversos enfrentamentos morais que cada um desses seres humanos precisará assumir para manter o envolvimento amoroso já firmado, porém é importante ressaltar que o primeiro desdobramento do poder homoerótico não esfaca os axiomas despretensiosos

da população, mas os endossa, inclusive por se valer da nova discursividade explicitada por Michel Foucault. Essa afirmação sustenta-se no fato de que a relação homoafetiva só poderia resultar em uma tragédia, ou seja, não poderia se pensar em uma relação entre pessoas do mesmo sexo e uma felicidade subjacente porque a própria relação já era uma fuga muito grande aos padrões morais impostos pela burguesia nacional e também porque o Realismo na sua vertente naturalista exalta os métodos e padrões científicos, concebendo o sexo em características e denominações animais, evidenciando que o ato sexual é o encontro de um macho com uma fêmea e não entre dois machos, ou duas fêmeas.

O escritor Adolfo Caminha, banhando-se na vertente naturalista do Realismo, desaprova a homossexualidade, a qual em sua escrita é chamada de homossexualismo, dado que naquele momento histórico o envolvimento de pessoas do mesmo sexo era denotado como doença. Apesar da circunscrição do envolvimento entre pessoas do mesmo sexo como uma patologia, a obra literária do prosador cearense impactou enormemente a camada leitora da população brasileira. O impacto gerado por Adolfo Caminha foi tão grande que o livro *Bom-Crioulo* foi renegado por muitas pessoas abastadas da sociedade brasileira e dez anos depois caiu no ostracismo, tornando-se uma raridade em sebos e em livros no ano de 1905. Já no ano 1937, a Marinha solicitou ao presidente Getúlio Vargas que não permitisse que acontecesse a reedição da obra e, por conseguinte, que censurasse a produção literária, a fim de que famílias direitas e corretas não obtivessem acesso a conteúdos de péssima qualidade.

A censura ao livro *Bom-Crioulo* deu-se até o ano de 1970, sendo quebrada devido ao fortalecimento do orgulho *gay* ao redor do mundo. Além da censura ter sido rompida, o livro de Adolfo Caminha ganhou edições nos seguintes idiomas: espanhol, francês, inglês e turco, ou seja, o poder homoerótico revelou-se para outros países na forma de representação de personagens que condiziam com a realidade de homens europeus que apresentavam os mesmos sentimentos e comportamentos de Amaro e Aleixo e que estabeleciam relações inter-raciais, assim como o casal latino-americano. Essas características corroboram com o pensamento descrito anteriormente, dizendo que o poder homoerótico em seu primeiro desdobramento não esfacelou os axiomas desprezíveis da população brasileira, mas trouxe uma realidade animal, importante para deixar em evidência os preconceitos e implicações contidas na patologia denominada como homossexualismo.

Os movimentos nacionais e internacionais de orgulho *gay* reconhecem a ousadia de Adolfo Caminha ao trazer à tona o homossexualismo para dentro de obras literárias e o utilizam para demarcar a mentalidade do século XIX e a luta na metade do século XX pela despatologização da homossexualidade e afirmação do poder homoerótico que dela emerge.

Anterior ao trabalho de Adolfo Caminha, o escritor carioca Lourenço Ferreira da Silva Leal lançou, no ano de 1885, o livro *Um homem gasto*, sendo esse o marco introdutório da Literatura Brasileira de expressão LGBTQI+. Apesar de o livro de Lourenço Ferreira da Silva Leal ser o marco para a Literatura Brasileira de expressão LGBTQI+ ele não traz a possibilidade de toda a sociedade brasileira conhecer o poder homoerótico, por esse motivo se escolheu iniciar a escrita desse trabalho acadêmico pelo prosador Adolfo Caminha, pois este abriu a possibilidade de toda a burguesia do século XIX ter contato com sua obra, enquanto que Lourenço Ferreira da Silva Leal permitiu apenas que os homens tivessem acesso a sua obra, por temer chocar em grande escala o público feminino. O foco do escritor carioca com relação ao público-alvo surtiu efeito por conta de o seu livro possuir um selo contendo a seguinte informação: Romance para homens.

Marcel Verrumo conta-nos o enredo da história de Lourenço Ferreira da Silva Leal, demonstrando a restrição do poder homoerótico no final do século XIX. As impressões do

jornalista são assim descritas: “ a obra de Leal contava a história de Alberto, um menino que, após transar com um professor de português, se entregou à devassidão e passou a ter uma vida que o tornaria, como o próprio título adiantava, ‘gasto’”. (VERRUMO, 2017, p.187)

Diferente do trabalho de Adolfo Caminha, Lourenço Ferreira da Silva Leal apenas utiliza a história de Alberto com seu professor de português para desencadear as tramas subsequentes, dessa forma, o poder homoerótico fica restrito à questão de um núcleo específico, enquanto que com Adolfo Caminha o poder homoerótico permeia toda a obra, isso porque Caminha vale-se da relação de Amaro e Aleixo para torná-lo o tema principal de sua obra. O conjunto dessas características, aliado à amplitude do público-leitor, faz com que a crítica literária lembre-se mais de Adolfo Caminha do que de Lourenço Ferreira da Silva Leal quando o assunto é o marco introdutório da Literatura Brasileira de expressão LGBTQI+.

A semelhança estilística de Lourenço Ferreira da Silva Leal e Adolfo Caminha está na concepção da homossexualidade, dado que para ambos os escritores ela é compreendida como uma doença, sendo identificada como homossexualismo. Além de denotarem a patologia do século XIX, os escritores afirmam com contundência os efeitos segregatórios do engendramento dessa sexualidade doentia, pois, para Caminha, a relação homoafetiva só tem como resultado a tragédia, sendo isso inevitável porque ela não se enquadra no modelo burguês legítimo de envolvimento amoroso; já para Leal, converte-se na venda do corpo masculino, isto é, trazendo à tona o destino do homossexual do século XIX, que era o sanatório ou a venda do corpo nas ruas urbanas.

Já no início do século XX, as relações homoeróticas passaram a fazer parte com mais frequência do panorama literário nacional. Pouco a pouco, os leitores de romances homoafetivos quebravam seus preconceitos e se permitiam pensar, imaginar e sentir aquelas cenas envolventes entre dois homens, aqui é importante ressaltar que até esse momento não havia sido produzido nenhum romance entre duas mulheres. O início do século XX retirava um pouco do ar patológico das relações homossexuais, porém a homossexualidade ainda estava inscrita sob o regime de homossexualismo e, por conseguinte, estava vinculada diretamente a ideia de uma doença contagiosa que precisava de cura.

No ano de 1914, o poder homoerótico refina-se na Literatura Brasileira de expressão LGBTQI+, porque o autor Capadócio Maluco publica o conto *O menino do Gouveia*, no jornal Rio Nu. O escrito de Capadócio Maluco inaugura o segundo desdobramento do poder homoerótico, pois o autor do conto *O menino do Gouveia* não só insere um casal constituído por homens, como também revela a linguagem do universo homossexual de sua época. Além desses fatores, é a primeira vez na literatura nacional que a relação homoafetiva é retratada como algo normal, como um transbordar de desejos de duas pessoas que se amam com muita intensidade, força e paixão. Esse conjunto de características do segundo desdobramento do poder homoerótico faz com que muitos críticos literários considerem esse conto o primeiro livro LGBTQI+ brasileiro, dado que os outros dois que o antecederam ainda traziam o caráter patológico e problemático da homossexualidade, algo que não condiz com essa orientação afetiva.

O conto *O menino do Gouveia* não recebeu tantos julgamentos morais como o livro *Bom-Crioulo*, porém a obra acentuava com mais veemência o universo homossexual e possuía palavras e ilustrações da relação entre dois homens de forma extremamente sexualizada. Verrumo apresenta um trecho homoerótico do conto *O Menino do Gouveia*, com as seguintes marcas textuais:

Estendido junto a mim na cama suspirativa do chateau, depois de ter sido enrabado duas vezes, tendo na mão macia e profissional a minha respeitável porra, em que fazia umas carícias aperitivas, o menino do Gouveia, isto é, o Bembem, contou-me pitorescamente a sua história com todos os não-me-bulas de sua voz suave de putito matriculado.

-Eu lhe conto. Eu tomo dentro por vocação; nasci para isso como outros nascem para músicos, militares, poetas ou até políticos. Parece que quando estavam me fazendo, minha mãe no momento da estocada final, peidou-se, de modo que teve todos os gostos no cu e eu herdei também o fato de sentir todos os meus prazeres na bunda. (VERRUMO, 2017, p.188-9)

Marcel Verrumo continua sua análise literária a respeito do conto *O menino do Gouveia* e nos apresenta brevemente o enredo dessa narrativa. O jornalista descreve o conto com esse conjunto de informações:

A trama aborda a vida sexual de Bembem, um jovem que, após revelar ao tio o desejo de ser penetrado por ele, leva um fora e decide sair de casa. Na rua, conhece Gouveia, com quem tem a primeira relação e confirma sua preferência homossexual. O prazer faz com que Bembem deseje viver de sexo e, longe da família, comece a se prostituir. (VERRUMO, 2017, p.189)

O segundo desdobramento do poder homoerótico conseguiu evidenciar o transbordar dos sentimentos e das vontades que estão contidas em um corpo homossexual, além disso, contemplou expressões próprias do universo homossexual, como, por exemplo, “enrabar”, “putito” e “cu”. Apesar de o segundo desdobramento do poder homoerótico apresentar essas características, ele não foi o responsável pelo esfacelamento dos axiomas desprezíveis da população brasileira e isso porque o escritor Capadócio Maluco demonstrou estilisticamente como o personagem Bembem sofria preconceitos por ter em seu corpo jeitos e trejeitos considerados femininos; dessa forma, o segundo poder homoerótico diminuiu caráter patológico da homossexualidade, mas não reduziu, nem extinguiu o preconceito existente ao jeito feminino que é incorporado por alguns homens homossexuais.

A história vai progredindo e os LGBTQIs+ brasileiros vão ganhando cada vez mais visibilidade. Essa visibilidade mais alargada reflete diretamente no conceito de diversidade, pois a partir da metade do século XX não são só os homens homossexuais que são descritos pelos autores, mas também as mulheres homossexuais, homens e mulheres transexuais/transgêneros e *queers* surgem no panorama literário. São representados por personagens que, assim como pessoas da realidade, enfrentam diariamente moralismos e problemas de gênero. A partir do ano 1950, o espectro do arco-íris não ficou limitado apenas ao vermelho, mas atingiu o violeta e passou pelo laranja, amarelo, verde, azul e anil, atingindo múltiplos homens e mulheres que não se sentiam abrangidos pela força avassaladora da Literatura.

O escritor brasileiro que inaugurou o terceiro desdobramento do poder homoerótico foi Guimarães Rosa com sua obra intitulada como *Grande sertão: veredas*, datada do ano de 1956. Nessa obra, o escritor mineiro ampliou o pensamento a respeito da diversidade brasileira e, inspirado pelo movimento feminista europeu, introduziu na literatura nacional a contraposição entre sexo e gênero, portanto, o terceiro desdobramento do poder homoerótico é a solução para a amenização do preconceito que o personagem Bembem de Capadócio Maluco sofria.

O terceiro desdobramento do poder homoerótico representa e visibiliza a transgeneridade, colocando em cena não apenas um casal homoafetivo, mas também um casal que

representa os diálogos de contraposição entre sexo e gênero fundamentado por Simone de Beauvoir e ratificado pelas pesquisas de Margaret Mead. O escritor mineiro da metade do século XX, tendo contato com esses estudos franceses e estadunidenses, decide retratar com mais propriedade a realidade brasileira e representar a intersexualidade em modulações que vão do travesti ao transgênero.

No livro *Grande sertão: veredas* há uma personagem chamada de Diadorim. Essa personagem é reconhecida pelos jagunços como um homem e, portanto, integrava o grupo que combatia aos aliados de Hermógenes. O reconhecimento de Diadorim como um homem dá-se pelo fato de ela vestir-se como um menino desde sua juventude, denominando-se como Reinaldo para ser aceita pelos jagunços. A relação dela com os jagunços vai aumentando e ela começa a interagir frequentemente com Riobaldo, dado que se conheciam desde a juventude e já mantinham certa relação de amizade. A proximidade entre Reinaldo (Diadorim) e Riobaldo faz com que Riobaldo apaixone-se por Reinaldo.

A paixão de Riobaldo por Reinaldo provoca no íntimo do personagem sentimentos confusos, desconexos e contraditórios, dado que a paixão homossexual não era aceita entre os jagunços. Os sentimentos de Riobaldo por Reinaldo vão sendo reprimidos, até que, na batalha sangrenta do Paredão, Reinaldo (Diadorim) enfrenta Hermógenes e ambos morrem. A morte de Reinaldo faz com que Riobaldo descubra que na realidade seu grande amor era uma mulher e que poderia ter se entregado a esse grande amor se não tivesse se prendido aos padrões morais e comportamentais dos jagunços.

Guimarães Rosa amplifica e alarga o poder homoerótico e coloca em Diadorim o emblema da donzela guerreira, símbolo de uma renúncia e de um grito feminista por equidade de gêneros. O terceiro desdobramento do poder homoerótico dá voz às mulheres e faz com que os leitores pensem a questão da atração física associada à aparência, isto é, como é limitado prender-se a uma relação entre sexo e gênero, uma vez que o sexo pode ser masculino, mas a expressão do gênero feminina, ou como no caso de Diadorim do sexo ser feminino e a expressão de gênero ser masculina. Esse conjunto de fatores faz com que Guimarães Rosa seja o primeiro literato brasileiro a trabalhar com a expressão LGBTQI+ nos moldes foucaultianos do engendramento da sexualidade e, por conseguinte, evidenciar a relação entre corpo e poder como fundamento histórico da dominação de gênero, demonstrando o vívido da expressão masculina travestida e o mórbido da expressão feminina em sua nudez.

As contribuições de Guimarães Rosa associadas aos movimentos de orgulho *gay* iniciados em Nova Iorque fizeram com que, em plena ditadura militar, a Literatura Brasileira de expressão LGBTQI+ manifestasse o poder homoerótico e garantisse sua força e permanência no cenário nacional. O responsável por manter o poder homoerótico, aperfeiçoá-lo e dar origem ao quarto desdobramento, é o escritor gaúcho Caio Fernando Abreu.

O autor Caio Fernando Abreu publicou no ano 1980 a coletânea de contos denominada de *Morangos Mofados* e inaugurou o quarto desdobramento do poder homoerótico. O escritor gaúcho foi um dos principais representantes da Literatura Brasileira de expressão LGBTQI+, sendo amplamente reconhecido pelos críticos literários por ser assumidamente homossexual. O fato de Caio Fernando Abreu ser homossexual é crucial para o quarto desdobramento do poder homoerótico, isso porque, por ele ser um homossexual, havia uma maior representatividade e visibilidade para todos os homens que como ele tinham as mesmas vontades, receios, frustrações e medo da morte.

O quarto desdobramento do poder homoerótico aborda as consequências do ser homossexual na realidade brasileira e evidencia os medos, as angústias e as incertezas por

ser homossexual em plena ditadura militar, ou seja, o poder homoerótico volta-se para a subjetividade de suas personagens, a fim de refletir nelas o rosto sofredor de cada homem torturado, preso, sequestrado e morto por sua orientação afetiva. A literatura visceral de Caio Fernando Abreu é um conjunto de textos que se assemelham a um diário cheio de revelações e colocam em destaque a percepção sobre ser *gay* a partir da própria experiência, não se valendo de nenhum preconceito ou moralismo para, finalmente, dar início ao esfacelamento dos axiomas despretensiosos da população brasileira.

Os trabalhos de Caio Fernando Abreu popularizaram o tema da homossexualidade e, atualmente, três escritores configuram como os principais representantes da Literatura Brasileira de expressão LGBTQI+. Os três principais escritores do final do século XX que configuram como os principais representantes desse gênero literário subversivo são: Hilda Hilst, Cassandra Rios e Nelson Luiz de Carvalho. Os três escritores inauguraram o quinto desdobramento do poder homoerótico e esfacelaram os axiomas despretensiosos da população brasileira, cada um de uma forma única realizou sua proposta de trabalho, atingindo com êxito os mais íntimos cernes da ferida há tanto tempo aberta e não cicatrizada da patologização da homossexualidade.

Hilda Hilst e Cassandra Rios são as primeiras mulheres a trabalharem com Literatura Brasileira de expressão LGBTQI+ e introduzem a questão queer e lésbica para os relatos de fruição literária, conseguindo representar e visibilizar mulheres vulneráveis e homens com expressão de gênero feminina, atingindo camadas da população ainda não prestigiadas pelo trabalho de fruição literária.

Já o escritor paulistano Nelson Luiz de Carvalho escreve no ano de 1998 o grande sucesso LGBTQI+ *O terceiro Travesseiro* e aborda de forma envolvente a questão da homossexualidade e da bissexualidade, fazendo emergir em todo seu texto o quinto desdobramento do poder homoerótico.

2 O ENGENDRAMENTO DA SEXUALIDADE: DOS RÓTULOS À CRIAÇÃO DAS ORIENTAÇÕES AFETIVAS

As práticas discursivas e corpóreas do século XVII foram pouco a pouco ofuscadas por conta da ascensão gradual da burguesia em meados do século XIX. O despontar burguês foi fruto de um período histórico denominado como *PaxBritannica*, circunscrito de 1837 a 1901 e reinado pela Rainha Vitória. Durante esse espaço temporal, o povo britânico adquiriu importantes conquistas territoriais no exterior, ampliando consideravelmente a extensão do seu Império. A expansão territorial em êxtase fez com que a Inglaterra prosperasse economicamente e consolidasse o projeto da Revolução Industrial. Tais fatores foram preponderantes para que a classe média da época, isto é, a burguesia, recebesse educação de qualidade e, por conseguinte, pudesse apreender princípios econômicos basilares para a sua progressão numérica e financeira.

No que tange à sexualidade, essa educação de qualidade fornecida à burguesia inglesa do século XIX trouxe algumas implicações para a história dos corpos e, conseqüentemente, dos homens. Essas implicações podem ser esclarecidas com a seguinte passagem textual:

Um rápido crepúsculo se teria seguido à luz meridiana, até as noites monótonas da burguesia vitoriana. A sexualidade é, então, cuidadosamente encerrada. Muda-se para dentro de casa. A família conjugal a confisca. E absorve-a, inteiramente, na seriedade da função de reproduzir. Em torno

do sexo, se cala. O casal, legítimo e procriador, dita a lei. Impõe-se como modelo, faz reinar a norma, detém a verdade, guarda o direito de falar, reservando-se o principiodo segredo. No espaço social, como no coração de cada moradia, um único lugar de sexualidade reconhecida, mas utilitário e fecundo: o quarto dos pais. Ao que sobra só resta encobrir-se; o decoro das atitudes esconde os corpos, a decência das palavras limpa os discursos. E se o estéril insiste, e se mostra demasiadamente, vira anormal: receberá este status e deverá pagar as sanções. (FOUCAULT, 1988, p.9-10)

O primeiro resultado da educação de qualidade oferecida à burguesia inglesa foi o encerramento cuidadoso da sexualidade, ou seja, as práticas corpóreas e discursivas que até então eram públicas limitam-se ao espaço privado, especificamente dentro das casas familiares. Michel Foucault explica que as famílias inglesas do século XIX confiscaram os múltiplos recursos que transbordam da sexualidade dos corpos e passaram a veicular a ideia de que quaisquer que sejam as práticas entre corpos há a necessidade de ter a função reprodutora como o alvo principal do envolvimento afetivo. A respeito de como as famílias inglesas conseguiram atingir seus objetivos de confisco dos múltiplos recursos que transbordam da sexualidade, o pensador francês do século XX em seu livro *A ordem do discurso* apresenta-nos este conjunto de ideias:

[...] A troca e a comunicação são figuras positivas que atuam no interior de sistemas complexos de restrição; e sem dúvida não poderiam funcionar sem estes. A forma mais superficial e mais visível desses sistemas de restrição é constituída pelo que se pode agrupar sob o nome de ritual; o ritual define a qualificação que devem possuir os indivíduos que falam (e que, no jogo de um diálogo, da interrogação, da recitação, devem ocupar determinada posição e formular determinado tipo de enunciados); define os gestos, os comportamentos, as circunstâncias, e todo o conjunto de signos que devem acompanhar o discurso; fixa, enfim, a eficácia suposta ou imposta das palavras, seu efeito sobre aqueles aos quais se dirigem, os limites de seu valor de coerção. Os discursos religioso, judiciários, terapêuticos e, em parte também, políticos não podem ser dissociados dessa prática de um ritual que determina para os sujeitos que falam, ao mesmo tempo, propriedades singulares e papéis preestabelecidos. (FOUCAULT, 1999, p.38-9)

A sexualidade, portanto, restrita ao lar e esse lar com o claro objetivo de procriar homens e mulheres para a sociedade, legítima um único modelo como o verdadeiro, porque, se essa é a construção de sociedade almejada, é imprescindível que exista a presença de um homem e de uma mulher para sustentar essa norma que detém a verdade e, por conseguinte, concentrar nela própria um princípio de caráter imutável e soberano sobre quaisquer outros arranjos corpóreas existentes no âmbito coletivo. O princípio de caráter imutável e soberano sendo afirmado sobre a multiplicidade de possibilidades impossibilita a enunciação da diversidade, porque, se um homem ou mulher insistir em contrariar esse *status* vigente, virará o anormal, cabendo ao seu corpo sofrer as mais terríveis sanções e punições. Essas estruturas de pensamento levam-nos a compreensão de que a anormalidade é fruto dos discursos religiosos, judiciários, terapêuticos e em sua parte também políticos, uma vez que determinam propriedades singulares e papéis preestabelecidos dentro de processos de troca e comunicação nos sistemas complexos de restrição que a sociedade moderna e contemporânea continua a criar e afirmar dia após dia em seus rituais (jogos de diálogo caracterizadores do processo de comunicação enunciativa entre os interlocutores do discurso).

O entendimento de que contrariar o princípio de caráter imutável e soberano transforma o ser humano no rótulo de anormal corrobora o *status* vigente de família ideal, trazendo como primeira consequência a não verbalização dos atos que são praticados entre corpos semelhantes, ou seja, entre dois homens e duas mulheres. Michel Foucault compreende esse fenômeno da seguinte maneira:

O que não é regulado para a geração ou por ela transfigurado não possui eira, nem beira, nem lei. Nem verbo também. É ao mesmo tempo expulso, negado e reduzido ao silêncio. Não somente não existe, como não deve existir e à menor manifestação fá-lo-ão desaparecer – sejam atos ou palavras. (FOUCAULT, 1988, p.10)

O resultado da não verbalização dos atos corpóreos praticados sem fim de reprodução é não possuir leis que amparem os indivíduos considerados como anormais. Dessa forma, como não há circunscrição de leis para essas pessoas, os seus discursos e, conseqüentemente, pensamentos a respeito da sexualidade são expulsos, negados e reduzidos ao silêncio. A família burguesa vitoriana não somente autenticará o raciocínio apresentado até o momento, como também não deixará a menor manifestação corromper o espaço sagrado do lar e caso haja alguma insistência na explanação da sexualidade que não seja para fins reprodutores deverão acontecer atos para desaparecer qualquer possibilidade de legitimar as práticas dos seres anormais.

Michel Foucault evidencia que o silêncio instalado na sociedade – desde a fase infantil – no que concerne à sexualidade é gerador da repressão. O silêncio mobilizador do sentimento de repressão condena todas as práticas corpóreas anormais ao desaparecimento, pois se constatando que existe um *status* vigente e que ele precisa ser seguido para o indivíduo ser aceito, logo, são compreendidos os motivos pelos quais os seres humanos considerados anormais tentam ao máximo adequar-se aos padrões moralmente corretos, anulando-se o máximo que podem para caber dentro das expectativas sociais. Essas constatações fazem com que a sexualidade seja silenciada e, por conseguinte, as práticas sexuais não reprodutoras sejam condenadas ao ostracismo, acarretando no aspecto de que cada um de nós não tem nada para ver, nem para dizer, muito menos para saber quando o assunto é o envolvimento físico mais intenso entre os seres. A elaboração intelectual dessas conclusões faz com que o filósofo francês do século XX aponte que as sociedades burguesas do século XIX – inspiradas pela Era Vitoriana – são hipócritas.

A repressão da sexualidade foi aumentando ao longo dos anos e no século XX Michel Foucault lança os seguintes questionamentos: “Estariamos liberados desses dois longos séculos onde a história da sexualidade devia ser lida, inicialmente, como a crônica de uma crescente repressão?” (FOUCAULT, 1988, p.11) e “Mas, o que há, enfim, de tão perigoso no fato de as pessoas falarem e de seus discursos proliferarem indefinidamente? Onde, afinal está o perigo?” (FOUCAULT, 1999, p.8). As perguntas do pensador contemporâneo ainda ressoam dentro de nossas mentes e corações e, olhando para o cenário que nos ronda, cuja onda crescente de conservadorismos assola a sociedade, a resposta ao problema é aberta, dado que os diálogos dentro desse campo ainda são carregados de intenso moralismo, puritanismo e intenso receio.

2.1 A PRODUÇÃO DISCURSIVA E O ENGENDRAMENTO DA SEXUALIDADE: CAMINHOS DE AFIRMAÇÃO DA REPRESSÃO SEXUAL

O discurso religioso endossou as propostas capitalistas e fez do sexo um ato corpóreo que é praticado por dois seres humanos em condição de pecado e da sexualidade como o estabelecimento de um *status* social que seja voltado para a reprodução, portanto, todas as relações não voltadas para a reprodução são ilegítimas e os homens e mulheres desconfigurados do padrão são anormais, assertivas conceituais advindas do estruturalismo filosófico e linguístico de Michel Foucault. A fim de melhor esclarecer a ideia que é apresentada, descreveremos o conceito de discurso, adotando o pensamento da professora e linguista Eni Puccinelli Orlandi em sua obra *Análise de Discurso – Princípios & Procedimentos* (2012, p.22): “O discurso tem sua regularidade, tem seu funcionamento que é possível apreender se não opomos o social e o histórico, o sistema e a realização, o subjetivo ao objetivo, o processo ao produto.”

O raciocínio de Orlandi atenua as conjecturas conceituais do pensador francês Michel Foucault, uma vez que, para o estruturalista do século XX, a produção discursiva da idade moderna, especificamente durante a Era Vitoriana, foi a responsável por engendrar a sexualidade e, por conseguinte, afirmar os caminhos da repressão sexual, dessa forma, percebemos que, para apreender o funcionamento de um discurso, é necessário unirmos o social com o histórico, o sistema com a realização, o subjetivo ao objetivo, o processo ao produto. Ao adotarmos essa perspectiva e metodologia para o trabalho, entendemos que as produções discursivas acerca do engendramento da sexualidade, com sua permanência na sociedade contemporânea, perpassam por categorias sociais específicas de afirmação da repressão sexual, as quais serão delimitadas com maiores detalhamentos nos próximos parágrafos.

Apesar de o discurso religioso ter sido utilizado pelos capitalistas já a partir do século XVII e no século XIX acontecer o fenômeno da repressão sexual em maior evidência, os discursos acerca do sexo e das sexualidades têm-se multiplicado em larga escala. A multiplicação dos discursos sobre o sexo e a sexualidade trouxe junto consigo interditos e proibições, a fim de solidificar a implantação de um caráter despropositual em torno de todas as questões que tangem aos desejos e inclinações mais íntimas do ser, corroborando esse raciocínio e se valendo dos mesmos elementos textuais Michel Foucault escreve da seguinte maneira:

Suponho que me concedam os dois primeiros pontos; imagino que seja aceita a afirmação de que o discurso sobre o sexo, já há três séculos, tem-se multiplicado em vez de rarefeito; e que, se trouxe consigo interditos e proibições, ele garantiu mais fundamentalmente a solidificação e a implantação de todo um despropósito sexual. (FOUCAULT, 1988, p.52)

Os discursos despropositais, advindos das técnicas polimorfos de poder, produziram no século XIX um ar de proibição em torno do sexo e da sexualidade, o que não fez com que os discursos fossem reduzidos como dito anteriormente, contudo Michel Foucault apresenta-nos o seguinte raciocínio: “De tanto falar nele e descobri-lo reduzido, classificado e especificado, justamente lá onde o inseriram procurar-se-ia, no fundo, mascarar o sexo: discurso-tela, dispersão-esquivança.” (FOUCAULT, 1988, p.52)

O raciocínio foucaultiano revela que, apesar da grande produção de discursos em torno do sexo e da sexualidade, as enunciações pecaminosas que estavam atreladas à visão sobre os corpos e os desejos fez com que dentro das produções discursivas se verificasse a redução das características que doravante predominavam quando o assunto era o envolvimento entre corpos humanos e suas produções de sentimento. Ao desvio de pensamento linguístico produzido no século XIX, Michel Foucault denomina como discurso-tela e dispersão-esquivança.

A compreensão dos discursos propositais em aliança com os desvios de pensamento linguístico – discurso-tela e dispersão-esquivança – foi o dispositivo mais poderoso na mão de cientistas e teóricos, pois tais pessoas, investidas do poder institucionalizado, esquivavam meticulosamente as mais insuportáveis verdades sobre o sexo e a sexualidade, neutralizando e purificando toda a carga significativa dos encontros corpóreos e afetivos entre dois seres que se desejam. Michel Foucault explora com propriedade essas características da seguinte maneira:

Pelo menos até Freud, o discurso sobre o sexo – o dos cientistas e dos teóricos – não teria feito mais do que ocultar continuamente o que dele se falava. Poder-se-iam considerar todas as coisas ditas, precauções meticulosas e análises detalhadas, como procedimentos destinados a esquivar a verdade insuportável e excessivamente perigosa sobre o sexo. E o simples fato de se ter pretendido falar dele do ponto de vista purificado e neutro da ciência já é, em si mesmo, significativo. (FOUCAULT, 1988, p.52)

O saber científico para Michel Foucault é constituído de esquivas porque na incapacidade ou recusa de falar do próprio sexo, esse saber destinava todas as práticas e pensamentos em torno desse conceito ao terreno da aberração, perversão, extravagância excepcional, anulação patológica e exasperação mórbida. O desvio sobre o discurso acerca do sexo e da sexualidade estava apoiado na moral burguesa do século XIX, que, por sua vez, apropriou-se do pensamento religioso, a fim de endossar e afirmar com maior veemência seus interesses e desejos políticos. O saber científico apoiou-se na moral burguesa do século XIX, portanto, a ciência subordinou-se aos imperativos morais e, com isso, além do sexo ser considerado pecaminoso e as sexualidades ilegítimas serem denominadas de anormais, a partir da segunda metade do século XIX havia também normas médicas que autenticavam todo o pensamento capitalista da Era Vitoriana e legitimava a existência de seres anormais na sociedade. Michel Foucault (1988, p.52-3) apresenta a seguinte estrutura de raciocínio:

De fato, era uma ciência feita de esquivas já que, na incapacidade ou recusa em falar do próprio sexo, referia-se sobretudo às suas aberrações, perversões, extravagâncias excepcionais, anulações patológicas, exasperações mórbidas. Era, também, uma ciência essencialmente subordinada aos imperativos de uma moral, cujas classificações reiterou sob a forma de normas médicas.

A ciência conseguiu legitimar o discurso sobre a existência de anormais dentro da sociedade seguindo o pretexto de dizer a verdade. Esse pretexto inaugurou um cenário de medo em todos os indivíduos da metade do século XIX e a fim de intimidar as menores oscilações da sexualidade, ou seja, os desejos mais simples que brotam dentro dos corpos em busca da satisfação de seus prazeres, os cientistas veiculavam a ideia de que esses desejos poderiam ser contagiosos e que, portanto, as gerações precisariam proteger-se dos hábitos furtivos dos tímidos e das mais solitárias manias, dado que essas inclinações ilegítimas eram doenças. A ciência, portanto, além de ter afirmado o discurso da moral burguesa, fez com que os seres anormais fossem vistos por todos a sua volta como doentes, precisando ser afastados do convívio social para receber tratamentos adequados de correção dos seus desvios morais. O jogo de saber e poder científico abriu uma chaga na sociedade que perdura até os dias de hoje no século XXI, essa chaga chama-se preconceito e a supuração dessa ferida trouxe a mortificação dos indivíduos, das gerações e das espécies. A autenticação de toda essa construção de fatos é evidenciada pelo pensador francês com as seguintes características:

A pretexto de dizer a verdade, em todo lado provocava medos; atribuía às menores oscilações da sexualidade uma dinastia imaginária de males fadados a repercutirem sobre as gerações; afirmou perigosos à sociedade inteira os hábitos furtivos dos tímidos e as pequenas e mais solitárias manias; no final dos prazeres insólitos colocou nada menos do que a morte: a dos indivíduos, a das gerações, a da espécie. (FOUCAULT, 1988, p.53)

As práticas científicas empoderaram-se e começaram a proclamar ferrenhamente suas repugnâncias às sexualidades ilegítimas. A proclamação repugnante contra as sexualidades ilegítimas encontrou âncora na lei e opinião dominantes, engendrando o mórbido nos corpos anormais. A difusão da ideia de que os anormais eram doentes ganhou importantes portavozes. Na França, os médicos Garnier, Pouillet e Ladoucette formalizaram teses científicas atestando que os anormais possuíam desvios comportamentais e psíquicos, havendo a necessidade de intervenções em seus corpos para a correção desses problemas. O projeto científico da metade do século XIX consolidando-se reivindicava poderes de higienização social para tudo aquilo que é pecaminoso, anormal e, por conseguinte, doente. O apregoamento de que a higiene social fazia-se imprescindível assegurou o vigor físico e pureza moral aos indivíduos que formam o corpo social. O processo de assepsia prometia eliminar os portadores de taras, isto é, fetiches, os degenerados, ou seja, os anormais, bem como as populações marginalizadas. Michel Foucault apresenta o panorama científico do que foi exposto, levando em consideração as seguintes marcas textuais:

Vinculou-se, como isso, a uma prática médica insistente e indiscreta, volúvel no proclamar suas repugnâncias, pronta a correr em socorro da lei e da opinião dominante; mais servil ante às potências da ordem do que dócil às exigências da verdade. Involuntariamente ingênua nos melhores casos e, voluntariamente mentirosa, nos mais frequentes, cúmplice do que denunciava, ativa e provocadora, essa medicina instaurou toda uma licenciosidade do mórbido, característica do final do século XIX: médicos como Garnier, Pouillet e Ladoucette foram, na França, seus escribas sem glória e Rollinat seu cantor. Mas, além desses dúbios prazeres, reivindicava outros poderes, arvorava-se em instância soberana dos imperativos da higiene, somando os velhos medos do mal venéreo aos novos temas da assepsia, os grandes mitos evolucionistas às modernas instituições da saúde pública, pretendia assegurar o vigor físico e a pureza moral do corpo social, prometia eliminar os portadores de taras, os degenerados e as populações abastardadas. Em nome de uma urgência biológica e histórica, justificava os racismos oficiais, então iminentes. E os fundamentava como “verdade”. (FOUCAULT, 1988, p.53)

Michel Foucault, ao compreender o processo de assepsia provocado pelo empoderamento das práticas científicas, investiga e compara os discursos sobre a sexualidade no século XIX e percebe que a enunciação sobre fisiologia da reprodução animal ou vegetal está mais avançada do que as produções discursivas dos cientistas que não legitimavam os desejos homoeróticos e taras dos anormais. A respeito de tal pensamento, o pensador francês apresenta a seguinte proposição:

Quando se compara tais discursos sobre a sexualidade humana com o nível, na mesma época, da fisiologia da reprodução animal ou vegetal, a defasagem é surpreendente. Seu fraco teor, e nem mesmo falo de cientificidade, mas de racionalidade elementar, coloca-os à parte na história dos conhecimentos. Eles formam uma zona estranhamente confusa. (FOUCAULT, 1988, p.53)

A zona estranhamente confusa da qual Michel Foucault argumenta é o saber científico que possui fraco teor e cientificidade, não cabendo dispositivos de racionalidade elementar para acessar a história do conhecimento que constitui as práticas científicas. O pensador francês, ao trazer a problemática para o campo científico, revela que o sexo ao longo de todo o século XIX inscreve-se em dois registros bem distintos. A respeito desse aspecto, o filósofo expõe suas conjecturas intelectivas da seguinte maneira:

O sexo, ao longo de todo o século XIX, parece inscrever-se em dois registros de saber bem distintos: uma biologia da reprodução desenvolvida continuamente segundo uma normatividade científica geral, e uma medicina do sexo obediente a regras de origens inteiramente diversas. Entre uma e outra nenhum intercâmbio real, nenhuma estruturação, a primeira desempenhou apenas, em relação à outra, o papel de uma garantia longínqua e, ainda assim, bem fictícia: de uma caução global sob cujo disfarce os obstáculos morais, as opções econômicas ou políticas, os medos tradicionais podiam-se reescrever num vocabulário de consonância científica. Tudo se passaria como se uma resistência fundamental se opusesse à enunciação de um discurso racional sobre o sexo humano, suas correlações e efeitos. (FOUCAULT, 1988, p.53-4)

Os registros mencionados por Michel Foucault referem-se à biologia da reprodução e a medicina do sexo. O saber científico do século XIX vale-se dos conceitos biológicos para endossar o discurso de que o sexo é pecaminoso e que as sexualidades ilegítimas são anormais, formando o que o pensador chama de medicina do sexo. A medicina do sexo é um conjunto de práticas engendradas pela burguesia do século XIX e afirmadas por médicos renomados e vestidos do saber científico, com o intuito de disfarçar os obstáculos morais que eram impostos aos indivíduos, bem como mascarar os medos tradicionais que, nesse momento, poderiam ser reescritos com uma escrita científica à prova de qualquer refutação. A conclusão que Michel Foucault apreende é que a medicina do sexo opõe-se a um discurso racional sobre o sexo e suas correlações e isso ocorre pelo fato de se preservar a moral e os bons costumes criados dentro da sociedade, a fim de afirmar com mais exatidão o processo de higienização social.

A culminância do projeto científico do século XIX foi impedir que se produzissem verdades acerca do sexo e da sexualidade, algo que carregamos até os dias de hoje, porque enquanto na fisiologia da reprodução – biologia – há uma imensa vontade de saber, na medicina do sexo há uma vontade obstinada de não saber e aquilo que já se sabe ser o mais travestido possível aos padrões morais erigidos pela sociedade e cultura dominantes. A corroboração dessa análise pode ser apreendida no excerto a seguir:

Um tal desnivelamento seria o sinal de que se buscava, nesse gênero de discurso, não mais dizer a verdade, mas impedir que ela se produzisse nele. Por trás da diferença entre a fisiologia da reprodução e a medicina da sexualidade seria necessário ver algo diferente e a mais do que um progresso desigual ou um desnivelamento nas formas da racionalidade: uma diria respeito a essa imensa vontade de saber que sustentou a instituição do discurso científico no Ocidente, ao passo que a outra corresponderia a uma vontade obstinada de não-saber. (FOUCAULT, 1988, p.54)

A vontade de saber tem como culminância produzir a verdade. A respeito desse aspecto Michel Foucault salienta que, ao longo da história, foram dois os processos de produção da verdade, denominados como: *ars erótica* e *scientia sexualis*. A fim de esclarecer com mais elementos e evidências o primeiro desses processos, é apresentado o seguinte fragmento:

Por um lado as sociedades — e elas foram numerosas: a China, o Japão, a Índia, Roma, as nações árabes-muçulmanas — que se dotaram de uma ars erótica. Na arte erótica, a verdade é extraída do próprio prazer, encarado como prática e recolhido como experiência; não é por referência a uma lei absoluta do permitido e do proibido, nem a um critério de utilidade, que o prazer é levado em consideração, mas, ao contrário, em relação a si mesmo: ele deve ser conhecido como prazer, e portanto, segundo sua intensidade, sua qualidade específica, sua duração, suas reverberações no corpo e na alma. Melhor ainda: este saber deve recair, proporcionalmente, na própria prática sexual, para trabalhá-la como se fora de dentro e ampliar seus efeitos. Dessa forma constitui-se um saber que deve permanecer secreto, não em função de uma suspeita de infâmia que marque seu objeto, porém pela necessidade de mantê-lo na maior discricção, pois segundo a tradição, perderia sua eficácia e sua virtude ao ser divulgado. A relação com o mestre detentor dos segredos é, portanto, fundamental; somente este pode transmiti-lo de modo esotérico e ao cabo de uma iniciação em que orienta, com saber e severidade sem falhas, o caminhar do discípulo. Os efeitos dessa arte magistral, bem mais generoso do que faria supor a aridez de suas receitas, devem transfigurar aquele sobre quem recaem seus privilégios: domínio absoluto do corpo, gozo excepcional, esquecimento do tempo e dos limites, elixir de longa vida, exílio da morte e de suas ameaças. (FOUCAULT, 1988, p.56)

2.2 O REGISTRO DA CONFISSÃO: IMPACTOS DA PRODUÇÃO DA VERDADE EM UMA SOCIEDADE REPRESSORA DOS DESEJOS

O ápice do pensamento foucaultiano no que tange ao engendramento da sexualidade para a criação das orientações afetivas e dos rótulos é compreender que a censura não foi a responsável por produzir proibições em torno do sexo e da sexualidade, mas sim a confissão foi a principal ferramenta por trazer essas consequências à sociedade e normatizar a medicina do sexo em meio aos tratamentos do corpo e dos desejos de todos os homens e mulheres submetidos às normas ocidentais de comportamento. A relação entre censura e confissão é mais bem representada no fragmento da *História da Sexualidade I*:

É preciso estar muito iludido com esse ardil interno da confissão para atribuir à censura, à interdição de dizer e de pensar, um papel fundamental; é necessária uma representação muito invertida do poder, para nos fazer acreditar que é de liberdade que nos falam todas essas vozes que há tanto tempo, em nossa civilização, ruminam a formidável injunção de devermos dizer o que somos, o que fazemos, o que recordamos e o que foi esquecido, o que escondemos e o que se oculta, o que não pensamos e o que pensamos inadvertidamente. Imensa obra a que o Ocidente submeteu gerações para produzir — enquanto outras formas de trabalho garantiam a acumulação do capital — a sujeição dos homens, isto é, sua constituição como «sujeitos», nos dois sentidos da palavra. (FOUCAULT, 1988, p.59)

O pensador francês do século XX deixa evidenciado que a confissão foi o dispositivo pelo qual os homens e as mulheres foram forçados a dizerem o que são e a recordarem tudo aquilo que esqueceram. Esse dispositivo tornou a civilização ocidental criadora de sujeitos, uma vez que havia a necessidade de os seres humanos sujeitarem-se à acumulação do capital, a fim de estarem em consonância com aquilo que é considerado legítimo e verdadeiro na sociedade em que estão circunscritos. A produção da verdade, ancorada na medicina do sexo e fortalecida por práticas confessionais, marginalizou em larga escala as sexualidades ilegítimas,

atestando com maior propriedade a cientificidade da anormalidade de todos os indivíduos que não estão em consonância com o padrão estabelecido.

Michel Foucault consegue ratificar que a confissão como dispositivo central e elementar insere-se como relação de poder dentro dos jogos de saber que rondam as sociedades ocidentais. A explicação comprobatória da confissão em um cenário de poder dá-se pelo fato de sempre haver a necessidade de um parceiro para requerer a confissão, cabendo ressaltar que esse parceiro não é um mero interlocutor, mas é alguém que avaliará e julgará com critérios de punição, perdão, consolo e reconciliação a todos os seres que se apresentarem em sua presença. Os critérios utilizados por aquele que ouve o ser que enuncia suas mazelas advindas do sexo e da sexualidade receberá a purificação e livramento de suas faltas, com o intuito de acontecerem modificações internas e intensas, a fim de conduzi-lo ao caminho da verdade e dos padrões socialmente estabelecidos.

O estruturalista francês do século XX revela que, a partir do século XVIII, por conta do Protestantismo e da Contrarreforma e, posteriormente, por conta da medicina do sexo no século XIX, a confissão perdeu o caráter ritualístico e sacramental, difundindo-se para os lares burgueses e relações humanas. A difusão da confissão como dispositivo elementar e central atingiu as mais diversas relações humanas e se tornou o ponto basilar para a formação dos discursos e pensamentos em torno do sexo e da sexualidade.

Michel Foucault mostra a todos os seus leitores que, a partir da segunda metade do século XIX, não se trata apenas de dizer o que é feito enquanto ato sexual, mas é necessário reconstruir ao redor do envolvimento corpóreo os desejos que tangem aquele prazer, as obsessões e fetiches que o acompanham, bem como as imagens e qualificações de experiências que constitui toda a prática sexual. Essa necessidade fez com que pela primeira vez na sociedade fosse desenvolvido um aparelho ideológico para qualificar se a experiência advinda do prazer era legítima ou ilegítima, compreendendo que quanto mais ilegítima fosse a experiência do prazer mais doente o ser humano poderia se transformar. Dessa forma, o gosto por pessoas do mesmo sexo já era considerado ilegítimo, mas, se as obsessões e fetiches que acompanham essa inclinação sexual distanciarem-se do que é acordado em sociedade, como o desejo comum, mais doente esse homem e essa mulher são enquadrados.

A disseminação do ideário de reconstrução da prática sexual em forma de discurso constituiu-se progressivamente dentro das sociedades ocidentais e sua repercussão foi o arquivamento dos prazeres mais envolventes propiciados pela *ars erótica*. Esse apagamento dos prazeres mais envolventes já fazia parte do projeto cristão protestante do século XVIII e foi endossado pelos cristãos católicos no mesmo período histórico por conta dos desdobramentos da contrarreforma. O rompimento desse projeto começou a acontecer devido às ações da medicina, da psiquiatria e da pedagogia que compreenderam que reconstruir o ideário das práticas sexuais não significava apagar os prazeres que despontam no interior de cada ser, mas sim seria necessário compreendê-los e oferecer tratamentos para a readequação das vontades ilegítimas.

2.3 A NECESSIDADE DE ROTULAÇÃO DAS SEXUALIDADES ILEGÍTIMAS: OS FRUTOS CONCRETOS DA NOVA DISCURSIVIDADE

O ano de 1870 oficializou o tratamento para a nova doença da metade do século XIX, isto é, o homossexualismo. Michel Foucault compreende que a nova discursividade da Idade Moderna recodifica as práticas científicas em torno do sexo e das sexualidades, tornando imprescindíveis as realizações de operações terapêuticas. Essas operações terapêuticas tiveram

a finalidade de retirar toda a carga de culpa, pecado, excesso e transgressão que a confissão carregava desde o século XVIII. No lugar de todos esses sentimentos que a confissão suscitava, houve a transposição desses blocos de sensação para o regime, ou seja, no momento de enunciação dos problemas psicológicos e psiquiátricos que o paciente pronunciava, havia o entendimento daquilo que era o normal e o patológico, conferindo pela primeira vez na história da humanidade uma morbidez em torno do sexo e da sexualidade, dado que a confissão torna-se necessária para o diagnóstico das anormalidades – categorizadas como homossexual – e indispensáveis para a sua cura. O anúncio da cura para os homossexuais estava posto no curso histórico e, para os cientistas do período, era importante que houvesse repercussão, pois somente assim haveria tempo hábil para corrigir as vontades mais invertidas daquele ser e inseri-lo novamente na sociedade, a fim de procriar filhos e gerar lucros a todos os burgueses.

Michel Foucault explica-nos que todos esses fatores foram fundamentais para o rompimento definitivo com a *ars erótica*. Esse rompimento firmou consideravelmente a *scientia sexualis* e inaugurou um complexo dispositivo de pensamento discursivo da ciência-confissão. O dispositivo complexo é conceituado por Michel Foucault nessas dimensões:

[...] há quase cento e cinquenta anos, um complexo dispositivo foi instaurado para produzir discursos verdadeiros sobre o sexo: um dispositivo que abarca amplamente a história, pois vincula a velha injunção da confissão aos métodos da escuta clínica. E, através desse dispositivo, pôde aparecer algo como a “sexualidade” enquanto verdade do sexo e de seus prazeres. (FOUCAULT, 1988, p.66)

A nova discursividade científica advinda da metade do século XIX engendrou a sexualidade e em torno dela reuniu a verdade do sexo e de seus prazeres e vontades mais obscuras, portanto, o que existiu na história da humanidade até a metade do século XIX foi o sexo, a sexualidade foi a criação da prática discursiva que foi sendo gestada lentamente pela *scientia sexualis*. Eis que Michel Foucault explicita-nos como a sexualidade foi engendrada e mantém-se no poder desde a metade do século XIX. As conjunturas intelectivas do escrito foucaultiano caminham por veredas bem específicas e podem ser compreendidas a seguir:

A “sexualidade” é o correlato dessa prática discursiva desenvolvida lentamente, que é a *scientia sexualis*. As características fundamentais dessa sexualidade não traduzem uma representação mais ou menos confundida pela ideologia, ou um desconhecimento induzido pelas interdições; correspondem às exigências funcionais do discurso que deve produzir sua verdade. No ponto de intersecção entre uma técnica de confissão e uma discursividade científica, lá onde foi preciso encontrar entre elas alguns grandes mecanismos de ajustamento (técnica de escuta, postulado de causalidade, princípio de latência, regra da interpretação, imperativo de medicalização), a sexualidade foi definida como sendo, “por natureza”, um domínio penetrável por processos patológicos, solicitando, portanto, intervenções terapêuticas ou de normalização; um campo de significações a decifrar; um lugar de processos ocultos por mecanismos específicos; um foco de relações causais infinitas, uma palavra obscura que é preciso, ao mesmo tempo, desencavar e escutar. (FOUCAULT, 1988, p.66)

A sexualidade, segundo Michel Foucault, corresponde às exigências funcionais do discurso produtor da verdade, ou seja, é o centro que emana o poder para a medicina do sexo – *scientia sexualis* – e esse feito é corroborado pelos cinco fatores listados anteriormente, especificados como: técnica de escuta, postulado de causalidade, princípio de latência, regra

de interpretação e imperativo de medicalização, explicados detidamente nos parágrafos anteriores. O conceito de sexualidade, ao ser firmado dentro da medicina do sexo, inaugurou a concepção de que, por natureza, o sexo é uma doença e que mais doente será o ser que pratica esses atos corpóreos quando estiver sob o domínio da ilegitimidade, isto é, sobre as vontades e desejos anormais, das quais será necessária intervenção terapêutica e normatização, abrindo caminho para um repleto campo de significações a ser decodificado.

Dessa forma, o conceito de sexualidade é inteiramente circunscrito no campo científico e é a partir dele que no ano de 1870 houve a criação do termo homossexual para designar todos os seres anormais da sociedade burguesa. A sexualidade era compreendida como uma escolha de cada homem e mulher, sendo imprescindível conhecer as vontades mais íntimas de cada ser, a fim de poder escolher que ato corpóreo caberá a seus instintos carnis. Os indivíduos não podiam ser livres o suficiente para realizar as “escolhas” que quisessem, dado que isso implicaria operações terapêuticas, trancamento em sanatórios e medicalizações.

2.4 AS NOVAS INTERPRETAÇÕES PARA AS SEXUALIDADES ILEGÍTIMAS: O NASCIMENTO DAS ORIENTAÇÕES AFETIVAS

A filósofa francesa Simone de Beauvoir, no livro *O segundo sexo* (1970), questionou o fato de o neurologista judeu-austriaco Sigmund Freud atribuir características particulares ao feminino e ao masculino com base na experiência infantil que se tem com os órgãos genitais. Simone de Beauvoir (1970) afirmou que o destino anatômico não tem o poder de explicar e explicitar todos os comportamentos advindos dos homens e das mulheres. Para a pensadora, é necessário observar como o ambiente cultural, educacional e social é responsável pela construção e imposição de padrões e normas aos meninos e meninas. Os padrões e normas ao serem impostos criarão os rótulos e características do masculino e do feminino, sendo mais bem categorizados como legítimo aquele que seguir o modelo estabelecido pelo jogo de saber e poder dominante e marginalizado do que aquele que não se adequar à construção social engendrada.

O raciocínio de Simone de Beauvoir, em oposição a Sigmund Freud, ratifica a diferenciação entre sexo e gênero, dessa maneira, o sexo é compreendido em correspondência aos traços biológicos de cada ser e envolve a distinção das genitálias masculina e feminina, já o gênero é a construção e a expectativa social sobre o comportamento feminino e masculino. A filósofa francesa, ao realizar a separação de sexo e gênero, começa a realizar rupturas no padrão científico do século XIX e cria o conceito de identidade de gênero, esclarecendo que a identidade de gênero é formada por elementos culturais, pela sociedade e pela experiência familiar, que atinge o ser humano desde sua tenra idade. Todos esses processos de socialização que os adultos impõem às crianças influenciam-nas a adotar certos comportamentos e práticas corpóreas, como, por exemplo, a passividade para as meninas e a agressividade para os meninos, boneca para as meninas e bola para os meninos, cor-de-rosa para as meninas e azul para os meninos e uma série de outros fatores que cada um de nós ouve desde a infância.

Os processos de socialização atingem os seres humanos desde a tenra idade devido à mudança de paradigma no século XIX, isto é, à restrição das práticas educativas em torno do sexo e sexualidade para o lar. Uma das primeiras mulheres a quererem compreender os impactos dos processos de socialização na identidade de gênero foi a antropóloga estadunidense Margaret Mead no ano de 1935. Os estudos de Margaret Mead foram os responsáveis pela filósofa francesa Simone de Beauvoir apresentar as estruturas de pensamento circunscritas anteriormente.

Todos esses fatores concorreram para a compreensão de como o engendramento da sexualidade em seus rótulos transformou-se na concepção do conceito de orientação afetiva e suas múltiplas facetas.

A violência policial aos homossexuais aumentava diariamente na década de 60 até que no dia 28 de junho de 1968 os frequentadores do bar StonewallInn, em Nova Iorque, enfrentaram uma ação policial, tornando aquele dia um evento simbólico e emblemático na luta pelo reconhecimento do orgulho *gay*. Os frequentadores do bar StonewallInn cunharam o termo *gay* para lutar contra a ideia de anormalidade e doença engendradas pela sexualidade do século XIX, dado que se sentiam incomodados por denominarem-nos como homossexuais, preferindo ser designados como *gays*, porque possuíam uma alegria e descontração diferente de boa parte da população estadunidense. O signo linguístico *gay* advém do inglês e significa alegre e alegria ao extremo, portanto, os homossexuais apropriaram-se desse vocábulo para levantar uma luta de orgulho às vontades que sentiam, quebrando por consequência a ideia de opção sexual, para finalmente inaugurar o conceito de orientação afetiva.

As décadas seguintes aumentaram o estigma e a discriminação aos homossexuais. O motivo para o aumento do preconceito aos *gays* deu-se pelo surgimento da epidemia de HIV/AIDS na década de 80.

A AIDS (Síndrome da Imunodeficiência Adquirida) trouxe novamente para a sociedade a aversão aos homossexuais, porque, com a doença sendo constatada como contagiosa, veiculou-se nos meios de comunicação de que o homossexualismo de fato era uma doença e que se havia a possibilidade de retirá-lo da lista internacional da Organização Mundial da Saúde (OMS) isso não aconteceria porque de fato o homossexual era um ser doente. Essa situação abalou fortemente os movimentos de orgulho *gay*, porém a luta não cessou e por esse motivo os homossexuais valeram-se do discurso científico para romper com o homossexualismo e inaugurar o conceito de homossexualidade, isto é, a desvinculação de qualquer possibilidade associativa de doença e transtornos para aqueles que sentirem atração e inclinação pelo mesmo sexo.

A retirada do homossexualismo da lista internacional de doenças da Organização Mundial de Saúde (OMS) aconteceu somente no ano de 1990, porém no Brasil o Conselho Federal de Psicologia no ano de 1985 já não considerava o homossexualismo uma patologia, modificando, a partir dessa data, a literatura científica para o conceito de homossexualidade. A partir da década de 90 houve um maior controle da epidemia de AIDS e também um envolvimento engajado de organizações governamentais e não governamentais para a rearticulação dos movimentos de direitos civis e combate à discriminação e à homofobia. Essa reestruturação do movimento *gay* trouxe práticas de pensamento importantes e diversas para a questão da sexualidade e ampliou a conceituação das orientações afetivas, descentralizando o foco da homossexualidade masculina e oferecendo visibilidade a lésbicas, bissexuais, travestis, transexuais, transgêneros e *queers*.

Hoje, várias passeatas, movimentos e associações organizam-se para resistir aos constantes problemas enfrentados e também para divulgá-los, seja em questões relacionadas à violência do cotidiano, seja em restrição dos direitos básicos de cidadania. No Brasil, em 2011, algumas conquistas foram asseguradas pela decisão do Supremo Tribunal Federal (STF) sobre o reconhecimento da união estável em famílias homoafetivas. A deliberação do Supremo Tribunal Federal trouxe inúmeros direitos aos homossexuais brasileiros, como, por exemplo, as pensões alimentícias e do INSS, a comunhão parcial de bens, a inclusão de dependentes nos planos de saúde e no imposto de renda, entre outros direitos básicos de cidadania.

Atualmente, o movimento LGBTQI+ quer afirmar o poder homoerótico presente na sociedade brasileira, pois essa é uma importante arma de combate ao preconceito que ainda está instalado em muitos lares e mentalidades dos cidadãos deste país. O preconceito aos homossexuais ainda se encontra arraigado no seio brasileiro porque só foi a partir do ano de 1990 que houve uma maior amplitude do movimento LGBTQI+ e, se formos analisar, levando em consideração as categorias históricas, vinte e nove anos de luta é muito recente, portanto, demandar o poder homoerótico é uma forma de manter viva todas as conquistas já adquiridas nos últimos anos e permitir que novos avanços aconteçam, com o intuito de amenizar as cicatrizes no coração colorido de cada ser humano que se depara com vontades e inclinações diferentes do padrão social e moral dominante.

A afirmação do poder homoerótico possui duas etapas, a primeira delas contém os quatro desdobramentos do poder homoerótico e é o conhecimento da historiografia que permeia as produções literárias de personagens masculinos e femininos que experimentaram e afirmaram suas vontades e inclinações afetivas. Já a segunda etapa de afirmação do homoerotismo engloba o quinto desdobramento do poder homoerótico e consiste em compreender como a historiografia da sexualidade articulou e articula esse poder, consolidando-o no esfacelamento dos julgamentos de valor equivocados de todos os homens e mulheres LGBTQI+. A compreensão das conjecturas literárias com a historiografia da sexualidade, isto é, com os discursos produzidos ao longo da história sobre os desejos mais íntimos dos seres humanos é o ponto de partida para compreendermos como analisar esses discursos e perceber neles o despontar de uma nova erótica que é repleta de poder homoerótico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Longe de encerrar, ou concluir os diálogos sobre o poder homoerótico que aqui foram estabelecidos, o presente trabalho acadêmico trouxe a possibilidade de o leitor tomar contato com o histórico da Literatura Brasileira de expressão LGBTQI+ e os seus desdobramentos ao longo dos séculos, partindo do seu início, isto é, o final do século XIX até os dias atuais.

A Era Vitoriana trouxe importantes conquistas territoriais para os ingleses e isso fez com que a Inglaterra prosperasse economicamente e fizesse com que a classe média da época, isto é, a burguesia ascendesse economicamente. A ascensão da burguesia ganha seu ápice a partir da segunda metade do século XIX com a segunda onda da revolução industrial. A partir desse fator histórico delineado em detalhes ao longo desse trabalho, percebemos como foi construída ideologicamente a repressão ao sexo e às sexualidades.

A formação da repressão do sexo e das sexualidades foi-se agravando historicamente e produzindo novas discursividades, encaminhadoras de rótulos para todos os comportamentos e desejos sexuais que eram diferentes da classe social e econômica dominante, denominados como ilegítimos.

O fator de transformação de todos os desejos e comportamentos que não eram voltados para a reprodução de novos seres humanos fez com que a nova discursividade fosse distanciando-se pouco a pouco da *ars erótica* (arte erótica) e aproximando-se de fundamentações teóricas da *scientia sexualis* (ciência do sexo/das sexualidades), produzindo efeitos devastadores para todos os homens e mulheres que estivessem à margem das relações amorosas legítimas. O efeito mais notório de todo esse processo foi o encaminhamento das sexualidades ilegítimas para sanatórios ou clínicas de reabilitação para a cura de doenças e males físicos alojados dentro de seus corpos.

O combate às práticas da *scientia sexualis* começam a se efetivar concretamente a partir da década de 60 do século XX. Neste momento histórico citado, é levantada a bandeira do orgulho por todos os homens e mulheres que sentiam atração pelo mesmo sexo. A partir desse instante, já não há mais a ideia de opção sexual, mas sim de orientação afetiva, dessa forma, a legitimação e a continuidade de movimentos LGBTQIs+ torna-se uma demanda imprescindível para a não aplicação de ações violentas na vida de tantos seres humanos, que desde a metade do século XIX têm suas existências massacradas por estarem dissonantes a um pensamento moral dominante.

Por fim, este artigo traz como principal fundamento a esperança de que a Literatura Brasileira de expressão LGBTQI+ possa ser difundida amplamente na sociedade e que possa chegar àqueles que todos os dias, ao acordarem, sentem-se doentes, estranhos e aberrações da natureza, que possa chegar também a todos que pensaram em suicídio em algum momento de suas existências por não estarem de acordo com a moral dominante em torno da sexualidade, que possa chegar também a todos que são vítimas de preconceito e agressões físicas por ousarem explicitar suas identidades e que, por fim, alcance também a todos os alcoses dos homens e mulheres LGBTQIs+, para que essa cadeia de ações aniquiladoras seja amenizada e cortada em sua raiz, uma vez que o conhecimento mais simplificado da obra do filósofo francês Michel Foucault foi apresentado nesta escrita acadêmica, rompendo com os silenciamentos e auras sanguinárias que por anos assolaram os seres humanos LGBTQIs+.

REFERÊNCIAS

- ABREU, C.F.. *Morangos Mofados*. Curitiba. Abril, 1982.
- BEAUVOIR, S. de. *O segundo sexo – fatos e mitos*. 4. ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.
- CAMINHA, A.. *Bom-Crioulo*. São Paulo: Ática, 2013.
- FOUCAULT, M.. *História da Sexualidade I: A vontade de saber*. 13.ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- FOUCAULT, M.. *A ordem do discurso: Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970*. 5. ed. São Paulo: Loyola, 1999.
- ORLANDI, E. P.. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 2012.
- ROSA, J.G.. *Grande Sertão Veredas*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1956.
- VERRUMO, M.. *História Bizarra da Literatura Brasileira*. São Paulo: Planeta, 2017.

ABSTRACT

This article aims at clarifying in literary and philosophical terms the origin, exclusion, violence and progressive resistance to silence and censorship imposed to the LGBTQ+ public. To reach our goal we intend to unfold the knowledge and power games related to the theme of sexuality, identifying the historical and social roots that trigger the exclusion of those who are not consonant with the ruling moral system. The comprehension of this exclusion practiced against the LGBTQ+ public will be reached through the understanding of the process of sexual and truth repression. These processes are of paramount importance to understand the new discursiveness devices and how they were discouraged and transformed into what we nowadays understand as affective guidance. The information of the historical processes and their changes will be followed by a literary tour through the multiple affective shapes exposed in the contemporary Brazilian literature of LGBTQ+ expression. To reach all these purposes, a literary and philosophical investigation was carried out based on Eni Puccinelli Orlandi (2012) and Michel Foucault (1988). We end our article pointing to longer directions towards an in-depth study of sexuality and its composition in the real and fictional universe provided by various literary experiences.

KEY-WORDS

LGBTQI+ Brazilian Literature, Homoerotic Power, New discursiveness, Affective orientations.

